

A GUERRA NA UCRÂNIA TERMINARÁ EM RENDIÇÃO

Por Stephen Bryen*



Soldado ucraniano caminha em um campo (Captura de tela do YouTube/Getty Images).

Não haverá quaisquer negociações com Zelensky quando o Exército ucraniano entrar em colapso e um governo substituto for instalado.

A guerra na Ucrânia terminará em uma rendição e não em um acordo negociado. Essa é a minha percepção do rumo que a guerra está tomando e porque as partes não conseguem negociar um acordo.

A última novidade na saga das negociações perdidas é uma declaração sob a forma de entrevista concedida pelo presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, ao *Philadelphia Inquirer*.

Na entrevista, Zelensky disse que não pode haver negociações diretas entre a Ucrânia e a Rússia, mas pode haver negociações indiretas através de terceiros. No cenário proposto por Zelensky, o terceiro servirá como intermediário e qualquer acordo será apenas com o intermediário, e não entre a Rússia ou a Ucrânia. Zelensky sugeriu que a ONU poderia desempenhar esse papel.

No entanto, a proposta de Zelensky é inviável por muitas razões, mas a maior delas é que os Estados em guerra precisam de chegar a acordo direto sobre o fim de um conflito.

Não há esperança de que um terceiro implemente qualquer acordo, como provaram os fracassados acordos de Minsk (2014, 2015). Minsk foi um caso híbrido em que o acordo foi assinado pela Rússia, pela Ucrânia e pela Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE).

A Ucrânia se recusou a implementar o acordo e a OSCE revelou-se ineficaz e pouco disposta a tentar fazer cumprir os acordos de Minsk. O acordo teve o apoio político da Alemanha e da França, embora nenhum deles fosse signatário e nem legalmente obrigado de qualquer forma a apoiar o acordo resultante.

A “proposta” de Zelensky é realmente apenas mais uma cortina de fumaça para desviar as críticas à Ucrânia por não querer um acordo com a Rússia. Três grandes forças estão mantendo Zelensky fora da mesa de negociações.

A mais importante é que os principais intervenientes anglo-saxões da OTAN, especificamente os Estados Unidos e o Reino Unido, se opõem fortemente a quaisquer negociações com a Rússia. Os EUA fizeram tudo o que podiam, inclusive através de sanções e medidas diplomáticas, para impedir qualquer diálogo com a Rússia sobre qualquer assunto (que não fosse a troca de prisioneiros).

A segunda razão é a legislação ucraniana, patrocinada por Zelensky, que proíbe negociações com a Rússia. A Verkhovna Rada (Parlamento da Ucrânia) poderia rescindir essa legislação em um nanossegundo se Zelensky lhes pedisse para fazê-lo, mas provavelmente não o fará.

Zelensky controla completamente o parlamento ucraniano, prendeu ou exilou políticos da oposição e controla a imprensa e outros meios de comunicação. O punho de ferro de Zelensky significa que ele pessoalmente não permitirá negociações diretas. Ele também assinou um decreto que proíbe quaisquer negociações com o presidente da Rússia, Vladimir Putin.

A terceira razão relaciona-se com a pressão sobre Zelensky por parte dos nacionalistas de extrema-direita, incluindo especialmente a brigada neonazista Azov. Prova direta disto é a demissão do tenente-general Yuri Sodal, o principal comandante das forças de Kiev na área de Kharkov.

Sodal foi acusado pelos líderes da brigada Azov de matar mais ucranianos do que russos nas batalhas de Kharkov. O Azov levou a mensagem à Rada e Zelensky os atendeu demitindo Sodal.

Desde a demissão de Sodal, a situação da Ucrânia piorou ao longo de toda a linha de contato. As perdas ucranianas em batalha são muito elevadas, com até 2.000 mortos e feridos em alguns dias.

Os russos intensificaram seus ataques com bombas planadoras FAB, incluindo o monstro FAB-3000 que acabou de atingir um centro de comando do Exército ucraniano na cidade de Niu-York, em Donbass, e alegadamente matou 60 ou mais militares ucranianos.

Os russos dizem que Zelensky não é um parceiro de negociação viável porque seu mandato expirou em maio. Existe alguma confusão sobre a situação jurídica na Ucrânia, mas especialistas dentro e fora da Ucrânia acreditam que a liderança do país deveria passar para o presidente da Rada, uma vez que Zelensky completou o seu mandato.

O presidente da Rada, Ruslan Stefanchuk, está se tornando mais ativo politicamente, embora não tenha se oposto à continuidade do governo de Zelensky.

Entretanto, dada a situação do campo de batalha, os russos sem dúvida calculam que em breve chegará o momento em que o Exército ucraniano entrará em colapso ou se renderá, ou ambos.

Em qualquer caso, o governo ucraniano terá que ser substituído de alguma forma, talvez por uma liderança militar interina selecionada pela Rússia. Isso permitiria aos russos formularem um acordo de capitulação com um governo substituto.

Uma rendição do Exército ucraniano e um acordo com um governo nomeado pela Rússia tornariam impossível o envolvimento contínuo da OTAN na Ucrânia.

Isso poderia abrir finalmente a porta a um diálogo de segurança entre a OTAN e a Rússia, assim que a OTAN digerir o que aconteceu e por quê. Infelizmente, carregar a OTAN com líderes políticos que já foram relevantes, como Mark Rutte, não é um bom presságio para o futuro da aliança.

A mensagem principal para a OTAN, se os russos vencerem na Ucrânia, como parece cada vez mais provável, é que a aliança de segurança deve interromper a sua expansão e procurar um acordo mais estável com a Rússia na Europa.

Publicado no [Asia Times](#).

****Stephen Bryen** foi subsecretário adjunto de Defesa dos Estados Unidos e um dos principais especialistas em estratégia e tecnologia de segurança. Ele escreve para o Asia Times, American Thinker, Epoch Times, Newsweek, Washington Times, Jewish Policy Center e outros veículos.*
